



# A Infantaria no combate à noite

Pelo Major JAIR DANTAS RIBEIRO  
Intr. de Inf. da E. E. M.

(Continuação)

Documento n.º 5

## DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

### 1.ª Parte

#### FUNDAMENTOS QUE CONDICIONAM A CONDUTA DAS OPERAÇÕES À NOITE (\*)

##### Generalidades

A importância das operações à noite, longe de diminuir, ao contrário, aumenta cada vez mais. Tal circunstância é devida, particularmente:

- aos efetivos postos em ação;

---

(\*) Les opérations de nuit — Lte. Colonel Hassler — Revue d'Infanterie; Le combat à la nuit — Cours d'emploi des armes — Ecole Spéciale Militaire; Opération de nuit — Cmt. Lavallo — Conférences d'Infanterie — Ecole Supérieure de Guerre; Operações à noite — 8.ª Conferência de Infantaria — 1936 — Escola de Estado Maior.



- à duração dos conflitos e à extensão dos campos de batalha, que exigem completa utilização das redes rodoviárias e ferroviárias, não só para fins táticos e estratégicos, como para os reabastecimentos dos exércitos;
- aos progressos da ciência, que permitem levar bastante longe os meios de investigação e destruição;
- ao segredo, que deve ser emprestado às operações de toda natureza.

Certas partes do terreno, em que é impossível efetuar de dia qualquer movimento de tropa, tornam-se à noite em campos de importantes atividades.

Agora, a batalha prossegue de dia como de noite, pode-se dizer, sem parar. E por batalha de noite deve-se entender os deslocamentos das tropas, os reabastecimentos, os combates mais ou menos generalizados, ou mais ou menos parciais em certas partes das frentes dos exércitos em contacto.

No decorrer da guerra de 1914-1918, quasi tôdas as noites foram utilizadas para a realização de operações as mais variadas. E' bem verdade que os movimentos de tropa tiveram sempre maior desenvolvimento do que propriamente os combates.

Entretanto, em toda parte, a ansiedade de ganhar terreno, de acabar a conquista de um objetivo, de procurar uma solução menos penosa e sangrenta para a crise, a vontade de vencer entre adversários igualmente resolutos, impunham às tropas mais esta fadiga, sem exemplo nas guerras do passado, de prolongar nas trevas o movimento para a frente ou de consolidar uma posição.

De dia, as tropas mais valorosas e melhor comandadas, têm muitas vezes conhecido o limite de esforço e do sacrificio inútil. Os poderosos meios de destruição atualmente em uso, opõem geralmente uma muralha de balas, que é impossível de transpôr. Por isso, quaisquer que sejam as precauções táticas e mais ousadas as opiniões em relação à superioridade do fêgo pode-se afirmar, não fossem absolutamente indispensáveis, considerar-se-ia muitas vezes uma lamentável temeri-



dade empenhar de dia uma tropa sob o fogo, porque o movimento para a frente, através dessa barreira formidável de projectis de toda espécie, é em geral terrivelmente difícil.

Isto não significa que o combate de dia se torne impossível, nem que as dificuldades da ofensiva sejam insuperáveis, mesmo porque a criação de armamentos apropriados ao combate moderno constitue uma segura garantia das possibilidades de ser êle tentado com confiança no sucesso. Aliás, quer-se crer que o moral das tropas, hoje como ontem, não sucumbirá tão facilmente mesmo diante dos mais pesados sacrifícios.

Mas o Chefe tem o dever precípua, especialmente em certas circunstâncias, de se mostrar prudente. Ser prudente, porém, não quer dizer ser temeroso, é saber conduzir o combate com o menor número possível de baixas. O espírito de sacrificio que deve animar chefes e subordinados não deve ser levado até o limite do desprêso pela vida.

Não se deve ter, no entanto, o direito de restringir o esforço, de circunscrever o campo de nossas atividades, de nossos ataques. A ofensiva é ainda a única forma de combate que convem à guerra; tôdas as outras formas de guerra são apenas variantes ao seu serviço.

A parada da ofensiva constitue apenas o ato involuntário; tudo está por fazer, uma vez que o sucesso não correspondeu ainda aos nossos sacrifícios. O momento desta parada coincide com a noite, término de ingentes esforços sustentados durante penosas jornadas.

Na frente, uma faixa de terreno que constitue uma zona de morte, inviolada, intransponível; além, metralhadoras e canhões mascarados pelas trevas. Que fazer? Reconstituir as forças e aguardar o dia para renovar o ataque, ou prosseguir o movimento a favor da noite? É uma questão subordinada às necessidades táticas imprevistas, dependente do estado das forças físicas das tropas.

Mas, quando se tem de percorrer algumas centenas de metros, será mais razoável aproveitar a obscuridade para assegurar o benefício de um avanço pouco custoso, parti-



larmente se houver adiante uma posição de partida mais favorável à continuação do movimento ofensivo ulterior, observatórios de considerável importância para a retomada da progressão, no dia seguinte.

É mister, pois, montar ataques, aliás geralmente localizados, fazê-los partir no momento azado, para se encontrar de dia sobre melhores posições.

Por estas e outras circunstâncias, tanto na ofensiva como na defensiva, o Comando pode ser levado, muitas vezes, a operar à noite.

É preciso, porém, tirar o máximo proveito de certas particularidades oriundas destas circunstâncias muito especiais. Importa, por isso, ter sempre em mente êstes axiomas:

- a) A noite favorece consideravelmente o **efeito da surpresa**. Cada vez mais difícil de ser obtida de dia, devido ao progresso da observação aérea e da potência do fogo, eis porque, tanto os movimentos de aproximação das tropas, realização dos dispositivos de ataque, ruptura do combate, são hoje executados a favor da obscuridade.

Pelas mesmas razões, a noite permite executar pequenas operações ofensivas, que, de dia, seriam extremamente arriscadas, em vista da dificuldade de abordar os objetivos.

- b) De noite, o fogo perde muito de importância, em face da precariedade da observação. A **manobra de fogos** torna-se, por isso, absolutamente irrealizável.

Todavia, a arma automática, apontada de dia e com o tiro convenientemente "amarrado", permite estabelecer planos de fogos muito eficazes de noite; devido às formações geralmente adotadas, quando a tropa atacante penetra na gerba da arma considerada, o efeito do fogo se torna considerável e as consequências são as mais funestas.

A Art. só pode atuar com tiros previamente ajustados, tanto mais eficazes quanto melhor preparados durante o dia.



- c) A questão da **orientação inicial** e, bem assim, a manutenção dessa orientação, constituem pontos de capital importância nas operações à noite.

A maioria dos insucessos de algumas ações noturnas foram quasi sempre ocasionadas pelos erros de direção, erros esses muito fáceis de ocorrer e que sancionam geralmente a menor falta de atenção dos executantes.

A ligação com as frações ou unidades vizinhas deve merecer igualmente o maior cuidado da parte dos chefes e executantes, porque sua perda, é obvio, mais do que durante o dia, pode acarretar facilmente as mais graves consequências.

- d) A **manobra** é geralmente impossível de realizar-se à noite. A ação do Chefe restringe-se à **preparação**. Assim, em se tratando de um ataque noturno, cabe-lhe em essência "montar" muito cuidadosamente sua operação, garantir sua base de partida e fazer partir o ataque.

O sucesso ou insucesso devem decorrer destas medidas, tomadas sempre com antecedência, e da energia de sua execução.

Nenhuma intervenção de **reservas** pode fazer-se para influir sobre o desenrolar do combate, porque isso viria apenas aumentar a confusão.

## ATAQUE

Um ataque à noite tem sempre por fim:

- quer acabar uma operação não terminada na jornada;
- quer melhorar as condições de uma base de partida, para o prosseguimento da operação no dia seguinte.

Qualquer que seja o caso, o ataque à noite requer uma **preparação minuciosa**, orientada especialmente sobre:

- o conhecimento do terreno a percorrer;
- os itinerários e a direção a seguir;
- os sinais de reconhecimento a utilizar.



Todos os movimentos previstos devem ser tão simples quanto possível, pois qualquer complicação está necessariamente votada ao insucesso.

É de toda conveniência prever a **conduta** a manter no caso de bom ou mau êxito da operação.

A **concepção** da operação deve ser absolutamente simples e sua **execução** consistir apenas em marchar diretamente para o objetivo fixado, sem se deter e sem responder ao fogo do defensor; o sucesso será obtido pela abordagem.

Isto significa que o objetivo visado deve ter uma fraca profundidade e que nenhum aproveitamento importante do bom êxito deve ser encarado.

Após o ataque, a tropa limita-se a ocupar o terreno conquistado, porque geralmente nada mais poderá empreender antes do clarear do dia.

## DEFESA

A eventualidade de um ataque à noite a uma parte da posição defensiva deve sempre ser encarada no plano de defesa.

Os defensores de uma posição necessitam conhecer a atitude a observar em semelhante caso, que aliás exige d'êles uma bôa dose de "sangue frio".

O sucesso da defesa repousa, por isso, nas seguintes condições:

- **vigilância** cuidadosa das sentinelas (vigias e escutas);
- "**amarração**" minuciosa dos tiros das armas automáticas e dos engenhos, efetuada de dia e de molde a não deixar nenhuma lacuna na barragem de fogos;
- **ligações** com a Art. de apôio em perfeito funcionamento.

No decorrer da Grande Guerra fez-se largo emprêgo de artificios de iluminação (foguetes com paraquedas iluminativos, bengalas, etc.) com o fim de permitir uma vigilância



mais eficaz das imediações da posição e descobrir, dessa forma, qualquer movimento suspeito. Compreende-se facilmente sua utilidade quando o inimigo ataca.

O plano de defesa deve prever, por outro lado, **contra-ataques imediatos**, com o fim de retomar certos pontos importantes da posição, onde o adversário tiver conseguido "tomar pé". Esses contra-ataques ficam sujeitos às mesmas servidões dos ataques à noite e devem, como eles, merecer uma cuidadosa preparação, ser de concepção muito simples e enérgicamente conduzidos.

---

## 2.<sup>a</sup> Parte

### EXAME DE DOIS "CASOS VIVIDOS" NA GRANDE GUERRA

#### I — Exemplo de uma operação ofensiva, executada à noite

#### "ATAQUE À NOITE DE SAPIGNEUL"

(4/5 de Novembro de 1914)

Ver croquis 1, anexo

#### SITUAÇÃO

Em prosseguimento à batalha do MARNE, a frente se tinha estabilizado na região N. W. de REINS, sensivelmente ao longo do canal do MARNE ao AISNE, que deságua neste rio em BERRY-AU-BAC.

Vários combates desenrolados durante todo o mês de Outubro, tinham garantido aos franceses a posse da aldeia de SAPIGNEUL, situada no fundo de um vasto arco de circunferência que descreve o canal entre BERRY-AU-BAC e LA NEUVILLE.

A primeira linha francesa, disposta em cordão e com trincheiras precárias, bordava a margem sul do canal, entre



a barragem N.W. de SAPIGNEUL e a aldeia; ao sul, na região da outra represa, ela passava na margem L. do canal.

Os alemães mantinham a margem N. do canal com elementos avançados e estavam sôlidamente instalados na linha de alturas de COTA 108 — COTA 91 — COTA 100, que lhes garantia um completo comandamento sôbre todo o terreno que se estende até a Estrada Nacional n. 44.

O canal estava quasi sem água.

A ponte de SAPIGNEUL se achava intacta, mas defendida com barricadas.

Atrás da primeira linha francesa não havia nenhuma organização em profundidade, estando os elementos de apôio colocados na região do cemitério de CORMICY.

Tal éra, nessa região, a situação no dia 31 de Outubro, quando o 28.º R. I. veio substituir os elementos do 1.º Corpo de Exército que a ocupava.

De conformidade com o roteiro recebido, o 28.º R. I. adota inicialmente as mesmas disposições de seus predecessores.

#### DISPOSITIVO DO III/28.º R. I.

O III/28.º R. I. ocupa o quartirão de SAPIGNEUL, limitado entre as barragens acima mencionadas (a barragem N. inclusive).

O Btl. estava com duas companhias de fuzileiros em linha:

- 9.ª Cia.: da barragem S. até SAPIGNEUL (incl.);
- 11.ª Cia.: de SAPIGNEUL (excl.) até a barragem N. (incl.).

As demais companhias (10.ª e 12.ª), juntamente com o Cmt. o Btl., estavam em reserva do Regimento na orla N.E. de CORMICY.

Em vista do terreno ser absolutamente descoberto e desprovido de comunicações enterradas, era impossível qualquer movimento de dia entre CORMICY e as primeiras linhas francesas. A transmissão das ordens era difficilmente assegurada, isto mesmo com grande risco, por homens isolados.



O III/28.º R.I. estava em ligação à direita com o II/28.º R.I. e à esquerda, na barragem N., com o 148.º R.I., que tinha se ligado ao Corpo de Exército vizinho.

A Art. de apoio estava em posição nos bosques a W. de CORMICY.

### ATAQUE ALEMÃO DE 3 DE NOVEMBRO

As jornadas de 1 e 2 de Novembro foram consagradas à organização da posição. Reinava relativa calma na frente do III/28.º R.I., limitando-se a ação do inimigo quasi exclusivamente a tiros de Art. (regulação e inquietação).

Depois do meio dia de 3 de Novembro, porém, um bombardeio de Art. de todos os calibres é bruscamente desencadeado sobre a frente do Btl., sendo especialmente visada a aldeia de SAPIGNEUL.

Em consequência desse bombardeio as organizações ficam revolvidas e os franceses sofrem perdas sensíveis.

Ao cair da noite, por volta das 17 hs. 15, os alemães transpõem o canal e, protegidos por uma barragem de Art. que "enjaula" completamente o setor atacado, ocupam a ponte e a aldeia de SAPIGNEUL.

O Cmt. do III/28.º R.I., por seu turno, se esforça para retomar o terreno perdido, mediante ações laterais conduzidas pelas 9.ª e 11.ª Cias., apoiadas pela 10.ª Cia. mandada de CORMICY. Mas essas tentativas, além de improvisadas e mal coordenadas, tardam muito, pelo que se quebram ante a barreira de fogos das armas automáticas imediatamente dispostas pelos alemães.

### COMBATE A NOITE DE 4 DE NOVEMBRO

#### Ordens recebidas

Em face do perigo que êste sucesso acarretava para as posições francesas de BERRY-AU-BAC, o Comando dá ordem ao 28.º R.I. de retomar SAPIGNEUL. Como um ata-



que de dia parecesse muito difícil de ser conduzido, dada a forma do terreno e o apóio muito longínquo da Art., fica decidido que a operação se execute à noite.

O plano adotado foi o seguinte:

- Um bombardeio de Art. pesada seria bruscamente desencadeado sôbre SAPIGNEUL e continuado durante dez minutos, de 17 hs. 50 às 18 hs.
- A tropa de ataque (2 1/2 Cias. do III/28.º R.I. : a 10.ª, a 12.ª e a 9.ª Cias., menos 2 pels.) progridiria a favor da obscuridade até a distância de assalto da aldeia; logo que a Art. cesse o tiro, lançar-se-ia ao ataque e reocuparia a localidade.
- As trincheiras perdidas na véspera deveriam ser reocupadas e um destacamento da Engenharia divisória faria saltar a ponte sôbre o canal.
- A operação seria apoiada por ações laterais, conduzidas pela 11.ª Cia., à esquerda, e pelo II/28.º R.I., à direita.

### Disposições tomadas

Das duas Cias. que deveriam participar do ataque, uma — a 10.ª Cia. — foi mantida, desde as tentativas da noite precedente, na COTA 83, próxima da Estrada Nacional 44; a outra — a 12.ª Cia. — encontrava-se na região do Cemitério de CORMICY, juntamente com a 9.ª Cia. (menos 2 pelotões).

O Cmt. do Btl. e os Cmts. de Cia. não puderam, pelas razões indicadas quanto ao terreno, e que o avanço alemão tornavam agora mais efetivas, proceder o reconhecimento do terreno e do objetivo. Ajuizavam, no entanto, sôbre o modo por que se apresentava a aldeia, pois haviam-n'a percorrido no decorrer dos reconhecimentos que precederam a entrada do Btl. em linha. Além disso, era sabido que entre a Estrada 44 e SAPIGNEUL, o terreno apresentava um suave e extenso declive e não continha nenhum obstáculo.



No que concerne ao inimigo no decorrer da jornada a observação não conseguiu assinalar nenhum pormenor sobre suas organizações. Nenhuma informação foi fornecida, nem pelo Comando, nem pelas unidades vizinhas.

Uma ligeira bruma, que persistiu durante tôda a jornada, prejudicou grandemente a observação.

Em vista da operação a ser executada, o Cmt. do III/28.º R.I. toma as seguintes disposições:

- Logo ao cair da noite, por volta das 17 hs., o destacamento de ataque se reunirá na COTA 83.
- Seus elementos adotarão o seguinte dispositivo:
- no centro, de um e outro lado da Estrada CORMICY
- SAPIGNEUL: a 10.ª Cia.;
- à esquerda: a 12.ª Cia.;
- à direita: a 9.ª Cia. (menos 2 pls.).
- As Cias. formadas por pelotões justapostos, marcharão sem ruído até à distância de um quilômetro além da Estrada 44.
- Neste sítio, far-se-á uma parada para reagrupar as sub-unidades e permitir às Cias. de ala tomarem o intervalo com a Cia. do centro de cem metros aproximadamente (a largura total do dispositivo pouco excedia de 300 ms.).
- A progressão será retomada com o início da preparação de Art., devendo o destacamento de ataque deter-se quando for possível distinguir as primeiras casas da aldeia. Ai aguardar-se-á o término da preparação de Art. e se armará baioneta.
- Findo o tiro de Art. e ao sinal de "em frente", dado pelo Cmt. do Btl. e por todos repetido, o destacamento se lançará ao assalto.

#### Objetivos e missões

- 10.ª Cia.: entrada S. de SAPIGNEUL;
- 12.ª Cia.: contornar a orla W. da aldeia, nela penetrando pelo caminho vindo de BERRY-AU-BAC;



— 9.<sup>a</sup> Cia.: costear a orla L. da aldeia e ocupar as trincheiras próximas da Igreja.

As 10.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup> Cia. deviam repelir os alemães em direção à **ponte**, que seria imediatamente barricada na previsão de se tornar impossível sua destruição; caberia à 9.<sup>a</sup> Cia. cobrir o flanco direito do ataque.

Para o caso de insucesso, foi fixado como **ponto de reunião** o local em que havia uma máquina agrícola abandonada no campo, aproximadamente a 300 ms. ao S. de SAPIGNEUL.

### O ataque e seus resultados

Os preliminares do ataque se desenrolaram perfeitamente de acôrdo com as previsões. Alguns minutos antes das 18 hs., enquanto a Art. francesa bombardeava a aldeia, as três Cias., já se achavam em seus lugares, prontas para o assalto.

A marcha de aproximação se efetuou no maior silêncio e na mais absoluta ordem, apesar da espessa cerração que havia.

Os alemães não manifestavam nenhuma atividade.

Cessado o último tiro de canhão, ao grito de "em frente", dado pelo Cmt. do Btl. e por todos repetido, as três Cias. se lançam sôbre seus objetivos, de baioneta calada.

Cedo, porém, diante da 10.<sup>a</sup> Cia., e de muito próximo, os alemães desencadeiam um intensíssimo fogo de armas automáticas, fogo êsse que parte de uma trincheira construída na orla S. de SAPIGNEUL (a uns 50 ms. mais ou menos da aldeia), que a Art. francesa não havia neutralizado.

Os dois pelotões da 10.<sup>a</sup> Cia., que progrediam muito próximo da Estrada, foram quasi inteiramente dizimados (\*). O restante da Companhia, e bem assim a 9.<sup>a</sup> Cia., é igualmente tomado sob um fogo mortífero; uma parte fica co-

---

(\*) É interessante notar que à noite as estradas e caminhos devem ser batidos pelo fogo "amarrado" das armas automáticas.



lada ao solo e se mantem nessa situação, enquanto outra, ras-tejando, procura atingir o **ponto de reunião** fixado pelo Cmt. do Btl.

Felizmente, a 12.<sup>a</sup> Cia. foi poupada e sua progressão pela orla W. da aldeia não é molestada. Esta Cia. pode, assim, penetrar em SAPIGNEUL; enérgicamente comandada e mediante um combate aproximado, conduzido com rapidez, ela atinge e ocupa a ponte e as trincheiras situadas a W.

São feitos 25 prisioneiros, entre os quais se encontrava o Cmt. do Btl. inimigo que ocupava a localidade.

Mesmo assim, os alemães que ocupavam as trincheiras da orla S. e as casas das imediações da Igreja, continuavam a resistir. Daí resulta o prosseguimento do combate, extremamente confuso, do qual participam, com os elementos da direita do III/28.<sup>o</sup> R.I., uma Cia. do II.<sup>o</sup> Btl. e duas Cias. do 24.<sup>o</sup> R.I. que, achando-se em reserva, foram mandadas de CORMICY para apoiar o ataque do 28.<sup>o</sup> R.I.

Uma Cia. do 148.<sup>o</sup> R.I. também fôra enviada de BERRY-AU-BAC para apoiar o ataque do lado de W.

Pela madrugada os últimos alemães já haviam abandonado SAPIGNEUL e transposto o canal entre a aldeia e a barragem S.

Às 5 horas a ponte era destruída e a continuidade da frente francesa estava restabelecida.

### Ensinamentos

Vimos de examinar uma operação realizada à noite, que em seu conjunto, podemos dizer, teve bom êxito. Procuremos agora discernir e realçar as razões dêste sucesso e, bem assim, os ensinamentos que podem ser tirados dêste exemplo.

- 1.<sup>o</sup> — Observaremos, preliminarmente, que as pequenas **tentativas fragmentárias** da noite anterior não produziram nenhum resultado satisfatório, porque se ressentiram completamente da falta de **preparação minu-**



**ciosa** que caracteriza essencialmente tôda operação à noite.

Ao contrário, vimos que, no ataque executado na noite de 4 de Novembro, tudo havia sido **muito bem previsto** e, graças a estas medidas, assim como à energia do ataque, a operação alcançou os resultados esperados.

---

“Seus chefes poderiam e devzriam guiar a opinião pública.

— Infelizmente tomaram o hábito de consultá-la e não o de guiá-la. Nós os viámos, inclinados sôbre a opinião pública, interrogando-a e procurando achar algum meio pelo qual pudessem, a um tempo agradá-la e convence-la respeitosamente que é melhor, para um país, viver do que morrer. Quanto aos chefes militares, dependiam dos chefes políticos e não ousavam nem os contradizer, nem os importunar. Por falta de ordens precisas e severas as repartições e os peritos não se apressavam. Ninguém no nosso país preparou o calendário das operações”.

(Do livro “A Tragedia na França”, de André Maurois)